

Luta Mulher!

Viva o 8 de Março, Dia Internacional da Mulher!

O Dia Internacional da Mulher é comemorado desde 1910, por proposta da militante socialista alemã Clara Zetkin, para lembrar a luta das trabalhadoras do mundo por melhores condições de vida e trabalho. Essa história de lutas é repleta de fatos marcantes, como aquele que ocorreu no dia 8 de março de 1857, quando as operárias têxteis de Nova York saíram às ruas em protesto contra as péssimas condições de trabalho e salários miseráveis. Na volta, reunidas no interior da fábrica, foram surpreendidas por um ato criminoso dos patrões, que incendiaram o local. O resultado foi a morte de 129 trabalhadoras, cujos corpos ficaram carbonizados.

Era o início da industrialização. O capitalismo começava a implantar a maquinaria e a concentrar os trabalhadores nas fábricas. Para tirar o máximo de lucro das máquinas, os burgueses punham para trabalhar famílias inteiras. Era uma exploração brutal: as mulheres trabalhavam 16 horas por dia, deixando seus filhos pequenos sozinhos em casa, em troca de salários ínfimos, a metade dos homens.

Já se passaram 150 anos daquele 8 de março sangrento e, de lá para cá, o capitalismo tornou-se imperialista, expandiu seu domínio para o mundo inteiro e uniu a todos os trabalhadores contra um só inimigo. Ninguém mais está livre da explo-

ração, da rapina, dos massacres e da prepotência das multinacionais. Um punhado de grandes potências imperialistas, sustentadas às custas do sangue e suor de milhões de trabalhadores e trabalhadoras despojados das condições básicas de sobrevivência, disputam entre si o direito de melhor se aproveitar de nossas riquezas, sem se importar com as conseqüências e com a vida de povos inteiros.

Em mais um Dia Internacional da Mulher, devemos renovar a nossa garra e vontade de lutar, lembrando o papel fundamental que as mulheres sempre cumpriram nos grandes processos revolucionários da história. Nossa luta é internacional e faz parte da luta de toda a classe trabalhadora contra o imperialismo e pela revolução socialista mundial.

Para lutar, precisamos estar organizadas num partido político, mas não qualquer partido. Precisamos de um partido que lute sem tréguas contra o capitalismo imperialista e pelo socialismo. Por isso,

**LUGAR DE
MULHER É
NO PSTU!**



8 de março: Dia Internacional da Mulher

***Fora Bush do Iraque
e do Brasil!***

... E Lula do Haiti!

Vamos tomar as ruas e nos fazer ouvir contra o maior símbolo do imperialismo mundial, o presidente norte-americano George W. Bush, senhor da guerra e maior responsável pela morte, pobreza e miséria das mulheres e homens trabalhadores em

todo o planeta.

Vamos levantar nossas bandeiras e ecoar nosso grito de indignação e protesto contra o massacre do povo haitiano pela ONU, chefiado pelas tropas brasileiras.

Vamos gritar bem alto contra as políticas que retiram nossos direitos, como a nova reforma da Previdência, anunciada por Lula, que, entre outras medidas, aumentará a idade mínima da aposentadoria das mulheres para 65 anos, ignorando a dupla jornada de trabalho.

Neste dia, no mundo inteiro, algo une todas as mulheres pobres das periferias das grandes cidades que sofrem para criar seus filhos; as mulheres camponesas que deixam seu suor diário na lida do campo; as mulheres sem-terra que moram em barracas e enfrentam a polícia; as mulheres trabalhadoras que produzem a riqueza deste país e são superexploradas; as mulheres jovens que lutam pelo primeiro emprego; as mulheres negras que lutam contra o racismo; as mulheres lésbicas que lutam contra o preconceito.

O que nos une é a necessidade de lutar e de se conscientizar de que a situação cada vez pior que vivemos tem uma causa explícita: o capitalismo imperialista, esse sistema econômico de rapina, de guerras, de opressão.

**Entre em contato com a Secretaria de Mulheres do PSTU:
lutamulher@pstu.org.br**

A Violência nossa de todos os dias

Em 20 de janeiro desse ano, Amanda Oliveira, 16 anos, foi torturada, estuprada e morta no Recife por dois jovens de classe média. Na véspera de 25 de novembro de 2006, dia internacional de combate à violência contra a mulher, em Salvador, o corpo de uma mulher jovem foi encontrado mutilado e parcialmente carbonizado numa avenida movimentada, num bairro de classe média alta. Na manhã do dia 25, uma mulher de 44 anos foi assassinada com mais de dez facadas por seu ex-companheiro na porta de casa, na periferia de Salvador. No dia 26 de novembro, um rapaz de 22 anos degolou e esquartejou o corpo de sua mãe, de 51.

Esses relatos se somam às mórbidas estatísticas da violência contra a mulher, que apontam a situação de barbárie em que vivemos e que vem se tornando um risco permanente. Tratada como natural, a violência contra a mulher tem sido banalizada e considerada algo sem importância.

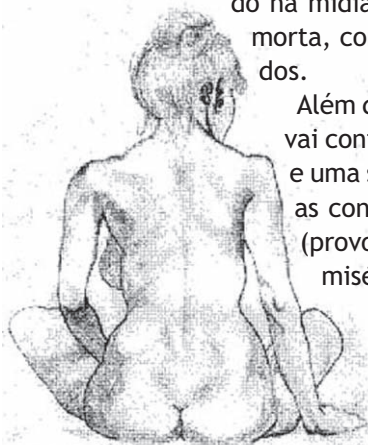
Ao contrário do que muita gente pensa, o estupro, a agressão física, a tortura e a morte não ocorrem apenas nas ruas e becos escuros. Acontecem, na sua maior parte, no interior dos lares. No Brasil, a cada quatro minutos uma mulher é agredida em seu próprio lar por uma pessoa com quem mantém relação de afeto.

As lésbicas sofrem discriminação por parte dos próprios gays por serem mulheres e de homens heterossexuais que as agridem moral e fisicamente. Elas se vêem impedidas de manifestar publicamente sua sexualidade por medo de se exporem à violência anti-homossexual e machista. Para lutar contra isso, precisamos ver quem são nossos aliados e nossos inimigos.

Às vésperas da eleição, o governo Lula, que se diz aliado das mulheres, aprovou a Lei Maria da Penha que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra as mulheres. Mas, segundo o Projeto de Lei Orçamentária Anual para 2007, o Governo reduziu em 42% os recursos para o Programa de Combate à Violência contra as Mulheres. Ou seja, sem recursos, em direção oposta ao que é mostrado na mídia, a Lei está destinada a ficar no papel e ser letra morta, como as demais propostas de Lula ligadas aos oprimidos.

Além disso, o governo Lula é o mesmo que implementou (e vai continuar implementando) no país os planos neoliberais e uma série de outras medidas e práticas que, ao atacarem as condições de vida do conjunto da classe trabalhadora (provocando desemprego e o aumento da exploração e da miséria) afeta ainda mais profundamente as mulheres.

Construção de casas abrigo, já! Para que as mulheres possam, junto com seus filhos, sair da condição de violência.



Nossas bandeiras estão em nossas mãos

Há tempos que as mulheres vão às ruas lutar contra a violência que sofrem dia-dia pelo peso de serem mulheres. A violência se aprofunda para as mulheres jovens, trabalhadoras, lésbicas e negras. Foi com essa marca no corpo que milhares de mulheres pelo mundo empunharam bandeiras como a legalização do aborto e o direito à maternidade, salário igual para trabalho igual, creches nos locais de trabalho e estudo, etc. São as bandeiras históricas que o movimento feminista e classista defendeu ao longo da sua jornada de lutas e hoje queremos reafirmá-las em alto e bom tom!!!

Legalização do Aborto e direito à maternidade

No Brasil, por ano, mais de 150 mil mulheres morrem ou ficam com seqüelas vítimas de aborto ilegal. Uma das formas de manter a opressão à mulher é mantendo-a ignorante sobre sua sexualidade e sua capacidade reprodutiva. A sociedade machista, patriarcal e capitalista “obriga” as mulheres a terem filhos, independente de sua vontade. Ao mesmo tempo, essa mesma sociedade impede que as mulheres criem seus filhos por falta de emprego, creches, saúde e habitação.

Creches nos locais de estudo, trabalho e moradia

No Brasil, existem cerca de 13 milhões de crianças de até 3 anos. Apenas 11% delas vão para creches e somente 6% desse total tem vaga garantida na rede pública. Na grande maioria das universidades, não existe creche para que as jovens estudantes que são mães possam continuar seus estudos. Não é possível que as mães trabalhadoras saiam de casa e não tenham onde deixar seus filhos pequenos.

Salário Igual para trabalho igual

Historicamente, o trabalho da mulher é considerado com um trabalho “complemen-

tar” ao dos homens. No entanto, a realidade derrubou essa construção machista, porque hoje mais da metade das mulheres trabalhadoras são a principal sustentação financeira da família. Mesmo assim, em muitos locais de trabalho as mulheres ganham até 30% menos que os homens realizando funções similares. Precisamos acabar com isso para garantir igualdade entre todos os trabalhadores.

Lavanderias e restaurantes públicos

Uma das principais bandeiras das mulheres socialistas durante a Revolução Russa eram as lavanderias e os restaurantes públicos. O trabalho doméstico embrutece a mulher e nunca é visto como trabalho. Hoje, mais que nos anos de 1917, temos de levantar essa bandeira, pois a dupla e tripla jornada de trabalho se aprofundaram. As mulheres trabalhadoras, depois de passarem o dia trabalhando, chegam em casa e são responsáveis por lavar, passar, cozinhar, cuidar dos filhos e do marido. Livrarmo-nos do peso da cozinha e do tanque é a possibilidade de avançarmos na nossa libertação dessa sociedade exploradora, opressora e patriarcal.

...vamos à Luta!!

